

FORMAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL ¹

Carlos Alberto Pereira ²
José Aurélio Medeiros da Luz²
Fabiano Gomes da Silva³
Antonio Liccardo⁴
Daniel Precioso⁵

Resumo

A Oficina de Cantaria de Ouro Preto tem no decorrer dos últimos cinco anos *resgatando* o conjunto de saberes e técnicas que compunha a milenar arte da cantaria em terras mineiras no período colonial, conhecimentos perdidos no avançar do século XX e só recentemente retomados por homens como José Raimundo Pereira, o *Seu Juca*, uns dos últimos oficiais canteiros do Estado de Minas Gerais. Surgida nessa conjuntura, a Oficina traçou como estratégias a pesquisa histórica e de materiais, a formação de novos trabalhadores habilitados e a preservação patrimonial direcionada para os trabalhos de educação patrimonial. Trazendo para o seu interior, pesquisadores das mais diversas áreas, como engenheiros, historiadores, educadores, especialistas e artistas. Entretanto, no momento nos deteremos ao resgate e formação de mão-de-obra capacitada para atuar na restauração de obras em cantaria através das aulas ministradas na Oficina. Dentre os resultados obtidos pelo projeto, destacamos a formação de quatro novos canteiros, que continuam a praticar suas habilidades, bem como a atuação da Oficina na restauração de peças de cantaria da cidade. Destaca-se, ainda, a divulgação dessa arte através de oficinas realizadas nas cidades de Belo Horizonte, Diamantina, Juiz de Fora, Uberaba e Ouro Preto.

Palavras-chave: Oficina de Cantaria; Resgate de ofício; Restauração.

¹ Trabalho apresentado no 2º Fórum ABM de Responsabilidade Social, 25 a 27 de abril de 2006, São Paulo, SP.

² Doutor em Tecnologia Mineral - UFOP

³ Mestrando em História - UFOP

⁴ Doutor em Gemologia - UFOP

⁵ Graduando em História - UFOP

1 INTRODUÇÃO

Ouro Preto, antiga Vila Rica, foi a primeira cidade brasileira a ser agraciada com o título de patrimônio histórico e cultural da humanidade pela UNESCO, em 1980. Atualmente, a cidade recebe rotineiramente grande contingente de turistas das mais variadas procedências, atraídos, dentre outros motivos, pelas características paisagísticas que compõem o improvisado núcleo urbano colonial. As vielas, chafarizes, capelas e casarões seculares aliados ao verde das montanhas parecem compor o cenário bucólico no qual Dirceu idealizava suas líras para sua amada Marília. O clima frio e cinzento ainda guarda o tom exaltado em que se deflagraram os inúmeros motins, revoltas e rebeliões mineiras coloniais. No entanto, o tempo e o clima que tanto atrai, aguça a imaginação e palpita lembranças, também as fazem perecer.⁽¹⁾

Nessa paisagem que o tempo devora, destacamos o acervo de construções em rocha, obras que geralmente nos surpreende e encanta pela precisão de suas técnicas construtivas e profusão decorativa. Acervo que tem sofrido toda série de agressões seja por turistas ou moradores, mas, igualmente importante é o trabalho de restauração e conservação que, muitas vezes, conduzido por profissionais leigos, acaba usando materiais estranhos ao conjunto restaurado, descaracterizando-o. Por isso, o estudo das técnicas e saberes que nortearam o fazer dos canteiros e pedreiros no trato com a rocha no período colonial se faz importante, bem como a formação de equipes de trabalho e as ações de preservação patrimonial.⁽²⁾

A cantaria poderia ser entendida como o conjunto de conhecimentos e técnicas utilizados para trabalhar a rocha, ao tempo que canteiro é aquele que executa essa técnica. A cantaria é um dos muitos ofícios tradicionais cujas técnicas e métodos de trabalho se encontram em processo de desaparecimento na atualidade, particularmente diante das modernas e eficientes formas da produção mecanizada e em série. Baseada no trabalho manual dos seus mestres e oficiais, essa arte milenar consistia no aparelhamento, desbaste e entalhamento das rochas para esculturas, objetos de uso cotidiano e construções.⁽³⁾

Já no início da colonização a cantaria foi utilizada em construções na cidade de Salvador, após a chegada do governador Tomé de Souza, em 1549. O Governador Geral preocupado em estabelecer a presença portuguesa na Colônia e romper com o padrão de povoamento baseado em feitorias ao longo do litoral traz juntamente com a sua comitiva o mestre em pedraria Luís Dias, que executara em Salvador fortes, residências e a primeira Casa de Câmara e Cadeia, símbolo máximo da presença da Coroa nas distantes terras ultramarinas.⁽⁴⁾

Durante os séculos XVI e XVII outros mestres construtores portugueses vieram para atuar nos poucos núcleos urbanos costeiros então existentes, em construções militares, religiosas e civis. A maioria dos projetos era feita em Portugal, com suas plantas e *condições*. Até a *Lioz* e a *Ancã*, rochas típicas de Portugal, eram cortadas, numeradas e colocadas como lastro nos navios que saíam da metrópole rumo à Colônia.^(5, 6)

A importação de materiais construtivos da Metrópole, pelos núcleos urbanos do litoral, atravessou séculos a fio, chegando ao século XVIII. Os motivos da importação poderiam ser pela falta de trabalhadores qualificados, questões estéticas vinculadas ao tipo de rocha e a ausências de materiais lapidares nas localidades. Claro que em algumas situações esses motivos vinham acompanhados de intervenções metropolitanas, como foi o caso da solicitação dos vereadores da Câmara do Rio de Janeiro para a construção de um chafariz na cidade, em 1744,

recebendo dos conselheiros do Rei a autorizavam para a dita obra, mas que ficasse sob a superintendência do Governador e “*que deste Reino deve ir lavrada a pedraria das duas fontes e das bicas dos registros, por não haver no Rio de Janeiro oficiais com bastante perícia, nem pedra suficiente para esta obra se fazer com a devida perfeição*”.⁽⁷⁾

Já no interior da América Portuguesa, na região das Minas, as péssimas condições das vias que ligava o litoral ao interior acabaram impossibilitando, sobremaneira, o transporte da rocha portuguesa para as nascentes vilas mineiras, as quais, diante dos empecilhos, apelaram para o uso da matéria-prima local, como quartzito, quatzo-clorita-xisto e esteatito (pedra-sabão), vindo a desenvolver todo um conjunto de maneiras e práticas de como se deveria trabalhá-las.⁽⁸⁾

A cantaria em Minas Gerais pode ser sentida em quase todas as cidades antigas, com destaque para Ouro Preto (antiga Vila Rica), Mariana, Congonhas do Campo e São João Del Rei. A rocha acabou sendo um material com diversificada utilização, servindo para confecção de utensílios domésticos (panelas e tigelas), canaletes para conduzir água (arcabuzes), murros, mundéis no serviço de mineração, esculturas (figura 1) e edificações dos mais diversos tipos como capelas, igrejas, residências, palácios, pelourinhos, chafarizes, pontes e calçamentos. A utilização da rocha na arquitetura, em maior volume, ocorreu a partir de 1750, quando muitas irmandades reformaram seus templos, incluindo o uso da rocha na decoração dos frontispícios, nas portadas, medalhões e em ornatos. O que não significa que não fosse usada antes dessa data. Basta lembrarmos da construção de obras como o Palácio dos Governadores no avançar de 1740, em Vila Rica, bem como das ruínas de construções particulares anteriores a esse período.⁽⁹⁾



Figura 1. Cantaria da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, mostrando as granadas triflamas.

Técnica tradicional portuguesa, a cantaria teve inicialmente um predomínio dos mestres e oficiais de obras portugueses, particularmente atraídos pela atividade mineradora e os altos *jornais* (diárias) pagos nas obras locais. Contudo, a formação de uma economia essencialmente escravista e a miscigenação da população ampliou a participação dos escravos e mulatos junto às equipes de trabalho dos

construtores. Criando um ambiente de trabalho complexo e dinâmico capaz de reproduzir, adaptar, criar e mesclar conhecimentos e técnicas de origens diversas, além de oferecer condições peculiares para o desenvolvimento escultural e ornamental do Barroco e Rococó na segunda metade do século XVIII em Vila Rica.

Contudo, a partir de meados do século XIX, com a diminuição das demandas construtivas pelas irmandades e associações religiosas e a perda da pujança econômica dos núcleos urbanos coloniais, a prática da cantaria se dispersou. Acredita-se, ainda, que a substituição da rocha por outros materiais construtivos e a perda da prática no trato com esse material, em parte, pode ser atribuída às mudanças estilísticas, o que provavelmente concorreu para a configuração de um processo de decadência da cantaria em Minas Gerais.⁽¹⁰⁾

Os efeitos da perda dessa prática foram sentidos a partir do terceiro decênio do século passado, quando por intermédio de uma política preservacionista, levada a cabo pelo antigo SPHAN – Serviço Proteção Histórico e Artístico Nacional — proposta que incluía o inventariamento, tombamento e restauro de um conjunto de monumentos do Barroco Mineiro—, constatou-se a necessidade da cantaria como técnica de restauro, visto que grande parte do patrimônio edificado em Ouro Preto possuía algum tipo de rocha lapidar na sua composição, estrutural e ornamental. E o que se viu no avançar do século, formam intervenções questionáveis que descaracterizaram os monumentos, chegando em alguns casos à acrescentar ornamentos via uso do cimento misturado com o pó de rochas.

Somente na década de 80, José Raimundo Pereira, o *Seu Juca*, mestre de obras, encarregado de restaurar uma cruz da Ponte do Pilar, em Ouro Preto, experimenta dos artifícios da cantaria. A idéia de restaurar o monumento com a pedra da região em oposição ao uso do cimento, levou o trabalhador a praticar o ofício. Uma iniciativa audaciosa, já que o único contato com a arte tinha acontecido quando andava trabalhando como servente na reforma do Museu da Inconfidência em 1939. Desde então, passou a trabalhar em obras de manutenção e restauração de inúmeros monumentos da cidade, contribuindo de forma ativa na sua preservação.

Visando a preservação do ofício de canteiro, desde o final da década de 1990, vêm-se buscando, primeiro através da Fundação de Arte de Ouro Preto e atualmente pela Universidade Federal de Ouro Preto, mecanismos para a formação de oficiais e mestres em cantaria. Funcionando no Campus Universitário da UFOP, há cinco anos a Oficina de Cantaria, cujas aulas são ministradas pelo mestre canteiro *Seu Juca*, atua diretamente na formação de mão-de-obra qualificada, a fim de atender às obras de restauração em Ouro Preto e demais cidades históricas mineiras. O projeto faz parte do Programa Integrado de Defesa do Patrimônio Cultural, criado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFOP, que engloba 76 iniciativas relacionadas à Educação Patrimonial e Ambiental, Folclore e Cultura Popular, Educação Continuada, Planejamento Urbano, Conservação e Restauração de Monumentos, Recuperação de Acervos Documentais, Fotográficos e Bibliográficos, dentre outros.

Nesse sentido, um dos objetivos da Oficina de Cantaria é proporcionar um espaço de resgate das técnicas de cantaria para atender as necessidades de manutenção e restauro dos monumentos de cantaria, principalmente pela capacitação de pedreiros, serventes, artesãos e outros na prática milenar dessa arte. Entretanto, acreditamos que restauração, conservação e preservação são processos intercambiáveis e se não concomitantes, por isso procuramos combinar com o trabalho de resgate e formação de mão-de-obra especializada, ações que visam a sensibilização e envolvimento da comunidade, especialmente as crianças.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para satisfazer os nossos objetivos iniciais, tivemos que montar um curso de formação de oficiais canteiros, subsidiado por pesquisas históricas e de materiais de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento — tivemos a participação de geólogos, engenheiros de minas e civil, biólogos, historiadores, educadores—. O que possibilitou disponibilizar saberes sobre o ofício e as ferramentas usadas ontem e hoje, dos recursos pétreos utilizados nos monumentos, além do estudo de novas técnicas de desmonte de rochas para os futuros oficiais.

O curso extensivo de formação de canteiros é ministrado pelo *Seu Juca* (figura 2) e possui a duração de dois anos, sendo destinado a profissionais de setores correlatos à cantaria e a interessados em geral. O curso é gratuito, comportando turmas de até quinze alunos. Como fomento e incentivo à manutenção dos aprendizes que ingressaram no curso, a Oficina fornece, aos mais assíduos, refeições aos sábados, vale transporte e 50% do valor da venda de peças por eles produzidas.

Na formação dos novos oficiais também é privilegiada a transmissão de conteúdos técnicos não apenas de forma prática, mas também teórica – aulas expositivas de conteúdos gerais que vão desde instruções técnicas de higiene e segurança no trabalho, equipamentos de segurança (EPI's, organização do canteiro de obras, organização do canteiro aplicada a obras de restauração, proteção, cuidados no manuseio de materiais) uso e transporte em demolições, em escavações/fundações, andaimes e plataformas e instalações elétricas provisórias até noções sobre história da arte, arquitetura, desenho técnico-artístico, noções básicas de matemática, conservação de acervo em pedra, preservação e restauração de núcleos históricos em geral, são ministradas trazendo ao conhecimento dos alunos teorias conceituais, leis, cartas, recomendações e projetos em andamento a respeito do patrimônio histórico. Com relação às obras do acervo histórico, as instruções dadas referem-se a escoramentos e proteções, pormenorizadas por intermédio de um acompanhamento documental: fotografias e registros em diários de obras.

Em seguida, partimos para os conhecimentos mais específicos, como sobre rochas. Passando da origem e classificação, apontando as rochas encontradas no Brasil e na região, explicando suas propriedades físicas e mecânicas, os diferentes modos de suas utilizações, as ações que a deterioram e a identificação das patologias, esfolheações e alterações cromáticas.

Ainda no âmbito teórico há uma preocupação em passar aos alunos explicações sobre o diagnóstico, mapeamento das patologias, testes e ensaios—reconhecimento de sais, porosidade e densidade, para que haja uma caracterização dos materiais construtivos e do meio ambiente. Também sobre métodos de tratamento, limpeza da cantaria, limpeza com água (pulverização e jateamento à baixa pressão, mecânica – ferramentas e equipamentos, química), produtos, solventes e suas proporções são igualmente ensinadas no curso. Além disso, os aprendizes são instruídos quanto ao orçamento básico do custo com materiais, ferramentas e mão-de-obra.



Figura 2. Mestre Juca trabalhando na oficina de cantaria da UFOP

Na etapa final do curso, os futuros canteiros realizam um estágio obrigatório que visa o aprimoramento da arte da cantaria em ações de conservação, preservação e restauração de acervos existente na cidade. É válido ressaltar que aos alunos da Oficina não é vedado o exercício criativo na produção de peças pautado em perspectivas mais contemporânea da arte. Por fim, o término do curso não implica num desligamento dos canteiros formados da Oficina, ao passo que esta busca auxiliar esses novos profissionais no trabalho de divulgação de suas habilidades e de seus produtos em eventos nas mais diversas cidades mineiras como Ouro Preto, Belo Horizonte, Uberaba, Uberlândia, Juiz de Fora e Diamantina, quase sempre contando com o apoio da UFOP, SEBRAE e IPHAN.

Juntamente com o curso desenvolvemos atividades ligadas a área de Educação Patrimonial nas escolas da cidade, visando envolver e sensibilizar a comunidade na conservação e preservação dos monumentos. Buscamos levar os professores e os alunos para o espaço de trabalho dos canteiros, mostrando-lhes as complexidades que cercam o tradicional fazer manual, bem como as diferenças desse para as modernas formas de trabalhos. Nas atividades com essa parcela da população trabalhamos com conhecimentos sobre a cantaria mineira que permitam a eles re-apropriarem sob novo olhar os bens e monumentos de sua comunidade.⁽⁷⁾

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

O Projeto Oficina de Cantaria iniciou suas atividades em agosto de 2000. Nestes cinco anos de existência, o projeto trabalhou com um grupo de 21 alunos, composto por moças e rapazes da comunidade de Ouro Preto e região. Contudo, muitos dos alunos se desligaram do curso por motivos que muitas vezes extrapolaram o âmbito da Oficina: a falta de apoio financeiro consistente, a impossibilidade de conciliar atividades secundárias à profissão exercida e, até mesmo, a impaciência frente ao aprendizado do ofício de canteiro, foram razões apresentadas como justificativas para a desistência do curso. Como nos lembra o mestre Juca: *aprender qualquer ofício requer a calma e a disciplina, a arte da cantaria se dá de forma lenta, é preciso insistir até atingir a perfeição de uma peça de pedra*. Mas nem todos estão dispostos adaptarem ao ritmo que a arte manual exige.

No decorrer de dois anos de curso (1500 horas), o programa formou uma turma em maio de 2003 (figura 3), composta de quatro alunos: três pedreiros e um artesão. Na perspectiva destes alunos capacitados para atuar como oficiais canteiros, a oficina pôde oferecer novas oportunidades de trabalho e renda na região.

É o caso do artesão Edniz José Reis, um dos alunos formados na Oficina de Cantaria de Ouro Preto e que atualmente possui uma oficina de cantaria no distrito de Passagem na cidade de Mariana, onde trabalha com um ex-aluno da oficina, Ronaldo, e um ajudante, fazendo da arte sua profissão e contribuindo na formação de novos oficiais. Parece que o fato de já ter alguma experiência em atividades como artesanato, ajudaram ao oficial canteiro Edniz a perceber oportunidades de atuação fora do circuito de restaurações e conservações de monumentos, diversificando sua atuação para a confecção de peças de ornamentação para particulares.

Já em relação aos outros três alunos, destaca-se o fato de serem da área construtiva, o que os aproximam mais do trabalho em restaurações em estruturas. As habilidades no trato com a rocha acabam complementando o trabalho de pedreiro nas suas intervenções em residências particulares ou públicas que contenham elementos de cantaria.

Um bom exemplo é o caso de Francisco Bárbara de Oliveira, pedreiro, 43 anos, natural de Diogo, distrito de Piranga, Estado de Minas Gerais. O Francisco, apelidado de Chico, trabalhou na restauração da cantaria da ponte de Marília durante cinco meses (dezembro de 2001 a abril de 2002), trabalhou na restauração da ponte do Pilar e auxiliou na restauração da cruz do cemitério da Igreja de São Francisco de Paula, na restauração da cantaria no Museu da Inconfidência em maio 2005 e atualmente está fazendo a restauração da cantaria da Estação da cidade de Itabirito. De sua produção destacam-se a bacia de quartzito que está em exposição no Museu de Ciência e Técnica na Escola de Minas, a pinha e a lanterna japonesa, exposta pelo Sebrae em dezembro de 2003.

Para fins de ilustração dos resultados obtidos, os dois pedreiros restantes que formaram na Oficina de Cantaria de Ouro Preto são:

Celso de Souza Amarante Junior –22 anos, natural do Rio de Janeiro. Duas obras, um leão e uma pia, de sua autoria, enquanto esteve vinculado à Oficina, foram adquiridas por uma requintada pousada da cidade. Também trabalhou na restauração das pontes de Marília de Dirceu e do Pilar. Buscando ampliar os seus

conhecimentos na área entrou no curso Técnico Edificações na Escola Técnica Federal de Ouro Preto, tendo se formado ano em 2004.



Figura 3. Aprendiz da oficina de cantaria.

Sérgio Romão Pereira - Pedreiro, natural da Chapada, distrito de Ouro Preto, continua trabalhando com a cantaria nos distritos. Dentre as obras da Oficina de sua autoria, destacam-se uma carranca e um chafariz construído na Chapada.

Ao êxito obtido na formação desse pequeno mais expressivo conjunto de oficiais em cantaria nos abre significativas possibilidades, principalmente no nosso objetivo de resgatar e preservar esse repertório de práticas e saberes sobre a cantaria. Disponibilizando esses oficiais para o trabalho de restauro e conservação nos monumentos em Minas Gerais, como já fizeram nas restaurações da cruz do Chafariz do Rosário, Ponte do Pilar, restauração da bacia/pia batismal da Igreja de Botafogo, Ponte de Marília, Cruzeiro de Lavras Novas e Museu da Inconfidência, só para listar algumas obras coloniais que passaram pelas mãos desses novos canteiros.

Já o trabalho de sensibilização com os professores e crianças acabou levando a Oficina a propor a criação de um curso de cantaria para crianças acima de dez anos de idade, principalmente pelo súbito interesse delas pelo ofício. Buscando combinar a vida escolar e as atividades desenvolvidas por essas crianças na oficina, passamos a oferecer, também, aulas de reforços de português, história, matemática, geometria para crianças, desenho e informática. O que ajuda no rendimento na escola e fomenta novas percepções da própria realidade em que essas crianças estão inseridas.

4 CONCLUSÃO

A atuação da Oficina de Cantaria tem sido de suma importância para a comunidade local em virtude da formação de mão-de-obra capacitada para o trabalho de preservação, conservação e restauração do conjunto de obras que possuem cantaria, em Ouro Preto e região. A formação da primeira turma de oficiais canteiros nos permite ainda atuar na re-qualificação de trabalhadores, oferecendo-lhes novas oportunidades de geração de emprego e renda.

E por último, achamos que o interesse de jovens e crianças pela arte da cantaria aponta para um futuro promissor, não só na formação de novos canteiros, mas nas opções que a relação escola-oficina pode oferecer aos professores na suas aulas, seja de história regional, história da arte ou de matemática e geometria. Propiciando a eles novas apropriações dos monumentos que lhes forma legados.

Agradecimentos

FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), NOVELIS SA.

REFERÊNCIAS

- 1 VASCONCELOS, S. **Vila Rica: formação e desenvolvimento - residências**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- 2 VASCONCELOS, S. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: UFMG, 1979.
- 3 VILLELA, C. M. **Critérios para seleção de rochas na restauração da cantaria**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Materiais) – Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2003.
- 4 ANDRADE, R. M. F. **Artistas coloniais**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1958.
- 5 MELLO, S. **Barroco mineiro**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- 6 BAZIN, G. Arquitetos, artesãos e operários. In: **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1956.
- 7 ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, RJ, AVULSOS, cx. 42, doc. 44 *apud* BICALHO, M. F. B. **A Cidade e o Império: o Rio de Janeiro na dinâmica colonial Portuguesa. Séculos XVII e XVIII**. 1997. Tese (Doutorado em História) — Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. p.416-17(notas).
- 8 SILVA, F. G.; PEREIRA, C. A.; OLIVEIRA, H. Educação patrimonial: revisitando Ouro Preto através da cantaria. In: CORRÊA, E.J. *et al.* **(Re)conhecer diferenças, construir resultado**. Brasília: UNESCO, 2004. p.121-128.
- 9 PAIXÃO, M. A. O trabalho do artesão em Vila Rica. **Revista de História da UFMG**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 78-85, 1986.
- 10 SILVA, F. G. Construtores mineiros: os canteiros de Vila Rica no século XVIII. In: **ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA**, 14., 2004, Juiz de Fora(MG). [**Anais Eletrônicos...**] Juiz de Fora: ANPUH(MG), 2004. Cd-rom.

FORMATION OF MAN POWER AND PATRIMONIAL PRESERVATION

*Carlos Alberto Pereira
José Aurélio Medeiros da Luz
Fabiano Gomes da Silva
Antonio Liccardo
Daniel Precioso*

Abstract

The stonemasonry Workshop of Ouro Preto has been in the last five years rescuing the wisdom and technical that composed the millenarian art of stonemasonry in Minas Gerais's land of the colonial period, lost knowledge throughout the XX century that was recently retaken by men as José Raimundo Pereira, master Juca, who is one of the last official stonemason of Minas Gerais State. The Workshop has as its strategies, the historical and material research, the formation of the new qualified workers and the patrimonial preservation focused on works of patrimonial education. It involved researchers of the most several areas as engineers, historians, educators, specialists and artists. However, in the moment the focus is the rescue of stonemasonry and qualified labor formation to act in arts restoration to apply what they learned at the workshop. Among the results obtained by the project, can be mentioned the four new stonemasons that has already concluded the course and are still continuing practicing their abilities, as well as the performance of the Workshop in the stonemasonry arts restoration of the city. We also can mention as a good result, the popularization of that art through workshops in the cities of Belo Horizonte, Diamantina, Juiz de Fora, Uberaba and Ouro Preto.

Key words: Stonemasonry; Rescuing the wisdom; Preservation.